



A violência, a mulher detenta e a vulnerabilidade às DST/Aids

The violence, the prisoner woman and the vulnerability to the STD/Aids

ANNECY T. GIORDANI¹, SÔNIA M. V. BRUNO²

RESUMO

Procuramos investigar qual a percepção que as detentas têm sobre a violência, detectando seus problemas e conseqüentes riscos de infecção pelo HIV-Aids. Desenvolvemos uma pesquisa-ação, humanista e qualitativa, identificando com as mulheres seus problemas relativos à violência, trabalhando com elas, posteriormente, a intervenção, usando a metodologia participativa. Pesquisamos todas detentas (11), daquele local. Usamos a entrevista individual, norteadas por questões abertas. A intervenção através de oficinas pedagógicas. Frente a violência sexual, todas abominam-na revelando ter temor. Algumas revelaram já terem sido violentadas, resultando em traumas profundos. Quanto suas experiências como vítimas, quase todas foram espancadas e/ou estupradas. Enquanto vítima de violência sexual, quase metade refere ter sido violentada pelo namorado ou tio. Muitas revelaram mágoa e fragilidade neste sentido, afirmando: "senti muito mal com isso a vida inteira..., sinto mal até hoje só de pensar", "sou revoltada com isso", "ele fez sexo...(anal) comigo, violentamente, me abalou demais", "fiquei traumatizada... mãos atadas...". Algumas descreveram que o motivo que as levaram ao cárcere, foi o envolvimento com homens que mexiam com drogas...

Destacam ainda, o desrespeito que os soldados têm com elas, muitas vezes, sendo vítimas de espancamento e de violência sexual, representando verdadeira ameaça para a infecção das DST/Aids. Concluimos que os relatos apresentados são carregados de trauma, inconformismo, rancor e revolta. Atribuem ao desemprego e à pobreza, fatores indicativos de violência, revelando conflitos e desolações ao mencionarem suas experiências de agressões sexuais, expondo-as aos riscos de infecção das DST e HIV/Aids.

Palavra-chave: Mulher detenta, Violência, DST/Aids

ABSTRACT

We tried to investigate which the perception that the detentas has on the violence, detecting its problems and consequent infection risks for the HIV-AIDS. We developed a research-action, humanist and qualitative, identifying with its wives relative problems the violence, working with them, later on, the intervention, using the methodology participativa. We everybody researched detentas (11), of that local. We used the individual interview, norteadas for open subjects. The intervention through pedagogic shops. Front the sexual violence, everybody detests it revealing to have fear. Some revealed they have already been violentadas, resulting in deep traumas. As its experiences as victims, almost everybody raped e/ou was beaten. While victim of sexual violence, half almost refers to have been violentada for the boyfriend or uncle. Many revealed sorrow and

¹ Enfermeira Mestranda da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP, Departamento de Enfermagem Psiquiátrica

² Profª Drª da EERP-USP / Consultora do Ministério da Saúde (CN DST-Aids) e da ONU/Orientadora

*A diversidade das
manifestações da violência
contra mulheres em nossa
sociedade é bem mais ampla
do que se imagina*

fragility in this sense, affirming: I "felt very badly with that the whole life..., I feel not well even today only of thinking", I am rioted with that "he made sex... (anal) with me, violently, it affected me too much", I was "traumatizada tied...mãos...". Some described that the reason that you/they took them to the jail, was the involvement with men that moved with drugs... they still Highlight, the disrespect that the soldiers have with them, a lot of times, being beating victims and of sexual violence, representing true menace for the infection of the DST/Aids. We concluded that the presented reports are loaded of trauma, inconformismo, rancor and he/she riots. They attribute to the unemployment and the poverty, indicative factors of violence, revealing conflicts and desolations to the they mention its experiences of sexual aggressions, exposing them to the risks of infection of DST and HIV/Aids.

Keywords: Prisoner woman, violence, STD/Aids

1. INTRODUÇÃO

A diversidade das manifestações da violência contra mulheres em nossa sociedade é bem mais ampla do que se imagina.

Tentando desvendar a complexidade do fenômeno violência, acredita-se que ele esteja profundamente ligado a relações de poder entre gêneros, a sexualidade, a auto identidade e a instituições sociais, embora existam sociedades onde não há violência contra a mulher (Heise *apud* Griffin, 1994) ⁽¹⁾.

Chauí, 1985, ⁽²⁾, p. 35 entende por violência "uma realização determinada das relações de força, tanto em termos de classes sociais quanto em termos interpessoais" e não como "violação e transgressão de normas, regras e leis."

Tentando explicar o comportamento sexual de cada um, tanto pelos estereótipos diferenciais que marcam o temperamento de cada sexo, como por regras que orientam a relação dos sexos com o próprio corpo, Albano e Montero, 1982, ⁽³⁾ p. 111, citam a virilidade que normalmente é construída "em torno de valores tais como a agressividade, a livre iniciativa, a satisfação imediata do desejo". Sendo assim, a feminilidade é construída em torno da receptividade ao estilo agressivo masculino e da aceitação do destino de ser objeto de apropriação do homem. A sociedade então, permite ao homem viver completa e publicamente a sua sexualidade, podendo ser viril e honrado, e encorajado a ser brigador e violento.

Nesta relação hierárquica de desigualdade com finalidades opressivas, de dominação e exploração, o ser humano não é considerado sujeito, mas tratado como uma coisa.

Habitualmente, à mulher são exigidas satisfações, explicações, e serem feitas recriminações no tocante as suas tarefas domésticas ou quando acusada de infidelidade. O homem não aceita dar explicações, nem ser recriminado. A mulher, tende a introjetar acusações e a acreditar-se errada, estar dando motivos para determinadas reações do parceiro e a sociedade reforça esse mecanismo, aceitando a agressividade masculina e supondo que a mulher que apanha algo fez para merecer. (Albano e Montero, 1982) ⁽³⁾

Com relação a violência contra a mulher, estudo elaborado por Griffin, 1994 ⁽¹⁾ aponta que tal comportamento, encontra suas raízes nas relações de poder entre os sexos, na sexualidade apoiada por uma visão histórica e que o impulso biológico instintivo está mais para o homem a quem é atribuído como naturais, o controle, o domínio e a violência.

Na sociedade ocidental as ideologias de gênero estão embutidas em conceitos diversos como de cultura/natureza, razão/emoção por exemplo, pares contrários e passíveis de exclusão com fixas diferenças. Esse dualismo reforça a posição da mulher como passiva e do homem como ativo, favorecendo outra construção ideológica.

Com relação a mulher prisioneira, faz-se necessário reconhecer especificidades étnicas e culturais, as diferenças existentes na condição humana, inclusive biológica, de gerar, parir, amamentar, etc, sem perder de vista os direitos de todo ser humano. (Leonelli, 1998) ⁽⁴⁾.

Tanto as mulheres que vivem em liberdade no seu meio social ou habitam o cárcere prisional, ser alvos de diferentes modalidades de violência, porém, fazendo-se referência especial ao estupro e ao abuso sexual na infância, por agressores próximos ou por desconhecidos, tornam-se vulneráveis ao contágio da Aids e DST, além de uma gravidez indesejada. Com o atual perfil de feminização da epidemia do HIV/Aids, é concernente afirmarmos que todas as mulheres vivem graus diferentes de vulnerabilidade, considerando que a Aids não está mais, sendo abordada em termos de "grupos de risco". A epidemia avança gradativamente, fazendo mais vítimas entre mulheres em todas as camadas sociais em nosso país, com predominância às adolescentes e adultos jovens com baixa escolaridade.

Ao afirmar que a violência física é mais forte e produz mais insegurança, Cardoso, 1985 ⁽⁵⁾, (p. 18 e 20) acredita que haja uma ligação com outras situ-

ações de violências cotidianas tidas como normais, denominando-as de “violência discreta”, concluindo que “há certamente, algo de comum entre o ato de força inesperado e as imposições sutis que sofrem as mulheres.”

Deste modo, esta autora, (p.17) chama-nos a atenção para o que considera a face oculta da violência, tida como fenômeno não visto, por ser de certo modo garantida pelas instituições sociais vigentes, referindo-se aquelas “situações cotidianas repetitivas, em que a definição cultural do papel feminino coloca a mulher como alvo possível do sadismo ou da arbitrariedade do sexo oposto.”

Quanto às condições precárias de existência, desemprego e a desagregação das relações sociais e familiares, as pesquisadoras Albano e Monteiro, (1982. p.113-4)⁽³⁾, não negam o fato de gerarem e favorecerem a violência. As mulheres pertencentes a camadas sociais mais desfavorecidas, têm na figura masculina o chefe que provê as necessidades da família e isso dificulta o rompimento, mesmo vivenciando uma relação conjugal insatisfatória. Por isso mesmo, muitos registros de queixas de mulheres espancadas por homens, são retiradas, especialmente quando efetivada a detenção do indivíduo, sob justificativas de que “começou a faltar comida em casa”, porque “estão ameaçados de perder o emprego”.

Face às dificuldades econômicas, também tem-se observado a diminuição do número de filhos por mulher de baixa renda e estudos localizados demonstram a prática do aborto provocado pela mesma razão. (Valladares et al. *apud* Griffin, 1991)⁽⁶⁾. Em nossa presente pesquisa-ação, tal afirmação pôde ser confirmada, visto que as mulheres detentas que foram entrevistadas, são procedentes de uma faixa social, econômica e cultural baixa. Na realidade, essa também é uma característica unânime dentre as mulheres detentas, inseridas no sistema prisional brasileiro.

O medo da violência maior por parte do parceiro, paralisa quase sempre uma reação de auto defesa da mulher, mesmo porque, ele geralmente foge antes de ser preso, ou seu tempo de reclusão é mínimo.

Ainda relacionado a estudos de caso de esposas espancadas, Albano e Montero, 1982⁽³⁾, dizem que a agressividade do homem volta-se a mulher, tida como frágil, sem que tenha que enfrentar o revide e a agressão. A mulher não é educada a revidar, a reagir, e não sabe portanto, nem por onde começar, tendo detectado em seu estudo com mulheres violentadas.

Dizem que a agressividade do homem volta-se a mulher, tida como frágil, sem que tenha que enfrentar o revide e a agressão

Estudos demonstram que a violência contra a mulher ocorre mais no âmbito doméstico, sendo que o estudo pelo marido é evidenciado em vários países, inclusive no Brasil. No entanto, não existe legalmente.

Griffin, 1994, (p.147-8)⁽¹⁾ cita alguns pontos importantes da obra de Heise, 1994, que pesquisou a violência contra a mulher em âmbito mundial e analisou qualitativamente algumas evidências dentre as quais, que a maioria das violências com lesões físicas sofridas por mulheres é de homens, sendo portanto, a violência sexual exercida contra o gênero feminino; que o abuso emocional e psicológico são tão danificantes quanto o abuso físico segundo experiências de mulheres e que o uso do álcool não causa a violência mas a exacerba.

Ainda através desta mesma pesquisa, também foi detectado que quando as conseqüências da violência não são fatais, lesões permanentes, problemas crônicos (dores, distúrbio do sono e da alimentação e infecções vaginais) e doenças tardias podem aparecer como artrite, hipertensão e doenças cardíacas; o trauma tende a ser mais significativo à vítima quando seu agressor foi seu conhecido íntimo, agravando-se as sensações de vulnerabilidade, perda, traição e falta de esperança.

2. OBJETIVOS

Investigar qual a percepção que as detentas têm sobre a violência, detectando suas possíveis experiências nesse sentido, e conseqüentes riscos de infecção pelo HIV-Aids.

3. METODOLOGIA

Desenvolvemos uma pesquisa-ação, humanista e qualitativa, atendendo aos preceitos éticos e o rigor científico. Identificamos com as detentas sua percepção e seus problemas relativos a violência e riscos às DST-Aids, através de estudo exploratório, trabalhando posteriormente a intervenção, norteadas pelos pressupostos de Freire, utilizando a metodologia participativa, pesquisando todas as mulheres detentas (11) de uma cadeia do interior paulista presentes no local, no período da coleta e que aceitaram participar da pesquisa. Todas são mães, maioria entre 18 e 34 anos, doméstica, com baixa escolaridade. Usamos a entrevista estruturada com questões norteadoras. A intervenção se deu através de oficinas pedagógicas, possibilitando reflexão para a otimização da vida, a cidadania e a visão totalizadora do ser.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Estaremos apresentando, inicialmente, os dados de identificação dos sujeitos pesquisados, seguido dos dados referentes à temática central deste estudo. As análises serão efetivadas, concomitantemente, às apresentações dos quadros.

Quadro 1 - Identificação pessoal das mulheres detentas do sistema penitenciário pesquisado. #

SUJ	ESTADO CIVIL	Nº DE FILHOS					IDADE				RELIGIÃO					ABORTO			ESCOLARIDADE				PROFISSÃO									
		1	2	3	4	≥5	T	18-34	35-40	41-50	T	C	E	EV	O	T	S	N	T	F	EM	T		C	I	C	I	C	I			
1	X		X					X					X								X											Autônoma
2	X				X				X				X								X										Doméstica	
3	X					X							X								X										Doméstica	
4	X		X					X					X								X										Doméstica	
5	X			X				X					X								X										Doméstica	
6	X			X				X					X								X										Doméstica	
7	X						X						X								X										Doméstica	
8	X			X				X					X								X										Doméstica	
9	X			X				X					X								X										Doméstica	
10	X					X		X					X								X										Vendedora	
11	X			X						X			X								X										Lactarista	
Total	6	4	1	0	11	2	5	1	2	1	11	8	1	2	11	11	0	0	0	11	4	7	11	2	9	0	0	11				

* RELIGIÃO: C = CATÓLICA; E = ESPÍRITA; EV. = EVANGÉLICA; O = OUTRA

** ESCOLARIDADE: F = FUNDAMENTAL; EM = ENSINO MÉDIO; C = COMPLETO; I = INCOMPLETO

MULHERES DETENTAS: POPULAÇÃO: 14 E AMOSTRA: 11.

O perfil em comum das mulheres detentas deste estudo, caracterizou-se pela experiência de maternidade de todas elas, com dois filhos em média, sendo mais da metade solteiras e sem parceiros fixos. A grande maioria já vivenciou o aborto, está enquadrada na faixa etária de 18 a 34 anos e possui baixo nível de escolaridade. Quanto ao perfil profissional, ocupavam-se antes da prisão, com atividades predominantemente domésticas e a minoria, trabalhava no mercado informal recebendo baixa remuneração.

Quadro 2 - Respostas das mulheres detentas do sistema prisional pesquisado referente à pergunta: O que significa para você a violência em geral?

Suj	Violência em geral: significado?
01	"não acho uma boa, ... eu acho que as pessoas deveriam ser mais amáveis umas com as outras"
02	"é uma coisa assustadora, que tá tirando a paz de todas as famílias, de todo mundo... acho que é uma coisa assustadora, tira a paz de todo mundo..."
03	"eu acho um absurdo. Tenho muito medo, porque meus filhos estão lá fora..."
04	"eu acho um horror..."
05	"...é uma coisa assim... que não tem futuro. Uma coisa muito mal."
06	"sou contra."

07	"é ruim, heim."
08	"eu não gosto muito de violência não."
09	"...a falta do desemprego, do carinho, da compreensão, do amor..."
10	"...são conseqüências do próprio povo mesmo, a pobreza..."
11	"...é o lado sombrio, o lado negro...Ela é gerado por causa do desemprego e falta amor ao próximo."

A opinião das mulheres entrevistadas, quanto ao significado da violência em geral, é unânime, no alto grau de reprovação e repulsa em torno de todo e qualquer ato de violência seja contra a mulher ou qualquer outro ser humano. Atribuiu-se a este comportamento alarmante e crescente na sociedade, a condição atual de pobreza do povo, ao desemprego, a falta de carinho e respeito pelos semelhantes. Os sentimentos em torno do "horror", "medo", da "coisa ruim", da "ameaça" e de "falta de paz", embora tenham sido verbalizados por metade das entrevistadas, notamos uma profunda preocupação nos depoimentos de todos os sujeitos, voltada não apenas ao individual, mas muito ao social.

Na verdade, a violência ocorre em todas as classes sociais, mas, entre as classes média e alta é abafada, para que não chegue a público pelo medo de escândalo buscando a ajuda de profissionais de apoio como psicoterapeutas e advogados. Já os fatores: crise econômica, desemprego e o alcoolismo,

podem ser o estopim de uma briga, por aumentarem o stress e diminuírem o auto-controle, mas não podem ser considerados como causa de violência. (Saffioti apud Macêdo, 1998)⁽⁷⁾

Quadro 3 - Respostas das mulheres detentas do sistema penitenciário referente à pergunta: O que você pensa sobre a violência sexual?

Suj Violência sexual: o que pensa?	
01	"...eu não quero mais sabê de homem porque eu sofri uma violência sexual...procuro não lembrá por que eu sofri...então é...terrível, terrível."
02	"...é uma coisa bem assustadora...eu acho que quem fez a violência tem que ser punido..."
03	"tenho medo."
04	"eu acho horrível. Um terror."
05	é uma coisa muito ruim, que é um absurdo... Mexe muito com a cabeça da gente."
06	"sou contra também. Acho que não deveria ser assim..."
07	"é, ruim."
08	"eu acho terrível."
09	"...tem que matá quem estrupa."
10	"...são conseqüências psicológicas. Acho que são problemas psicológicos."
11	"uma agressão cometida ao semelhante, a falta de amor ao próximo... Isso gera um trauma."

Quanto ao que pensam sobre a violência sexual, a idéia central assemelha-se as opiniões anteriormente dadas por todas as mulheres detentas sobre a violência em geral, porém, com maior repúdio referendado ao ato do estupro em si e ao agressor, com ênfase ao trauma psíquico subsequente a agressão, entendendo que ao responsável deveria ser imputado pena condenatória, se possível, até a pena de morte. Dentre todos os sujeitos, uma das mulheres que não passou por violência sexual, atribuiu a pessoa do estuprador, provável alteração psicológica, talvez, na tentativa de tentar entender o perfil deste homem.

Quadro 4 - Respostas das mulheres detentas do sistema penitenciário referente à pergunta: Você já passou por alguma experiência de violência? Fale um pouco dessa situação?

Suj	Passou por alguma experiência de violência?		Comentários
	SIM	NÃO	
01	X		"ah...é muito constrangedor. Eu não gosto de lembrá."
02	X		"...meu marido... ele fez sexo anal comigo violentamente, foi assim, uma coisa muito constrangedora e que me abalou demais, demais, demais. Nossa! Eu fiquei traumatizada com isso."

03	X	-
04	X	-
05	X	"já apanhei do meu primeiro marido meu. Apanhava porque ele era muito ciumento, ele bebia"
06	X	"do meu marido...batia ne mim. Tinha muito ciúme. Eu achava muito triste..."
07	X	"foi com o meu tio. Eu tava trabalhando na roça. Ele pegou eu e me amarrou com a mão pra trás e me abusou de mim."
08	X	"eu apanhava muito, mas,...não do meu marido...mas, eu apanhava do outro."
09	X	-
10	X	-
11	X	-

Mais da metade das mulheres detentas entrevistadas confirmaram já terem passado pela experiência de algum tipo de violência relativo principalmente a espancamentos, surras dadas pelo marido e estupro, cujos agressores eram pessoas conhecidas como tio e o próprio marido. Esta mesma parcela de sujeitos que sofreu violência sexual e doméstica teve como palco o interior de seus domicílios, exceto uma das mulheres que foi repetidas vezes abusada sexualmente na adolescência pelo tio num cafezal. Todas as mulheres que disseram apanharem do marido ou amante, apontaram como colaborador desta violência, o ciúmes doentio do parceiro com relação a elas, agravado pela embriaguez alcoólica que os faziam mais agressivos. O constrangimento sofrido por todas, foi verbalizado especialmente por duas entrevistadas, que falam do trauma que ainda sentem por terem sido estupradas.

O número de agressões contra mulheres é alarmante porém, não fiel a realidade, considerando-se que muitas vítimas de violência não se queixam na polícia por medo, dependência financeira ou emocional, existência de filhos pequenos, vergonha, desejo de que o marido mude de atitude, etc. (Saffioti apud Macêdo, 1998)⁽⁷⁾.

No montante das respostas obtidas sobre uma provável experiência pessoal de violência sexual e os sentimentos advindos deste fato, um terço das mulheres afirmaram terem passado por esta situação em alguma fase de sua vida, relatando terem se sentido muito mal, revoltadas e com medo. O sentimento de destruição da própria imagem e da auto estima, evidencia-se no relato de uma das detentas que foi violentada sexualmente pelo marido em casa, ao descrever como se sentiu: "...um verme, um verme."

Quadro 5 - Respostas das mulheres detentas do sistema penitenciário pesquisado às perguntas: Você já passou por alguma violência sexual? Como foi? O que você sentiu como pessoa?

Suj	violência sexual?		Como foi?	O que você sentiu?
	SIM	NÃO		
01	X		"...a minha parceira é sádica no último."	"...de repente até gosto." "ah...me sinto bem, me sinto bem...só tenho um pouco de medo dela, morro de medo."
02	X		"foi essa aí que já acabei de mencionar."	"...um verme, um verme."
03	X		"só o marido que quando chegava bêbado fazia sexo forçado. Só isso."	não comentou.
04		X	-	-
05		X	-	-
06		X	-	-
07	X		"foi com o meu tio. Eu tava trabalhando na roça. Ele pegou eu e me amarrou com a mão pra trás e me abusou de mim. Eu tinha uns 12 ano."	"senti mal. Senti medo, dor por dentro. Até hoje eu só revortada com isso."
08		X	-	-
09		X	-	-
10		X	-	-
11		X	-	-

Em uma estudo publicado pelo Projeto Axé na Bahia, analisando as igualdades e desigualdade nas relações de gênero, a autora destacou:

"A violência de gênero, mais precisamente a vio-

lência contra a mulher, é uma das formas de violência mais aceitas como "normais" e de maior presença no cotidiano de nossa sociedade." (Macêdo, 1998, p.55)⁽⁷⁾

Quadro 6 - Respostas das mulheres detentas do sistema penitenciário pesquisado, referente às perguntas: Isso influenciou alguma coisa na sua vida hoje? O quê? Porquê?

Violência sexual

Suj	Influenciou na vida hoje?	O quê? Porquê?
01	"é um lado que eu desconhecia... eu creio assim, que no cotidiano as vezes é até bom (com relação a parceira sexual atual)." "...eu sofri uma violência sexual...procuo não lembrá por que eu sofri...então é... terrível, terrível. eu sofri uma violência sexual... procuro não lembrá por que eu sofri ... então é ... terrível, terrível (com relação ao tio)."	"é um misto de encanto e medo. Me excita muito quando ela pega assim, sabe...de uma forma violenta." "...um dos fatos que eu não quero mais saber de homem... procuro não lembrá por que eu sofri... então é... terrível, terrível. Faz uns 10 anos."
02	"mão, porque eu consegui... Na época sim."	"...porque eu não conseguia mais olhar pra cara dele, nem pra cara de mais nenhum homem, mas...depois isso passou, porque consegui esquecer."
03	"mão."	-
04	sem resposta.	-
05	"mexeu sim com os meus sentimentos."	porque eu peguei trauma de homem que bebe. "
06	sem resposta.	-
07	"me sinto muito mal."	"sinto dor por dentro...Quando eu penso nisso."
08	sem resposta.	-
09	sem resposta.	-
10	sem resposta.	-
11	sem resposta.	-

Quanto as possíveis influências na vida das mulheres decorrentes de violência sexual sofrida, notamos na fala de dois sujeitos, a motivação para sua mudança de comportamento sexual de hetero para homossexual, atribuída ao trauma gerado pelo estupro, com explícito repúdio a figura do homem para relações íntimas.

Considerando-se que um desses dois sujeitos, no período da coleta de dados desta pesquisa, estava vivenciando uma relação sado-masoquista com sua parceira sexual e também companheira de cela, e, tendo sido estuprada na adolescência, acabou, talvez por isso, mesclando ambas as vivências em suas respostas referentes as questões do QUADRO-6. Desse modo, ao mesmo tempo em que denominou como terrível a experiência “passada” de estupro, também verbalizou medo, encantamento e excitação diante a participação violenta da parceira nas suas relações sexuais, expondo uma cotidianidade relativamente aprimorada em relação a violência sexual da qual foi vítima há cerca de 15 anos.

Porém, metade das mulheres que foram igualmente violentadas, falaram de uma dor interior, por sentimentos que foram mexidos em decorrência da agressão sexual já conhecida, o que se fez percebido através de suas expressões fisionômicas angustiadas e pela comoção observada durante as entrevistas ao falarem do assunto.

Apenas uma mulher, afirmou ter superado o trauma de ter sido estuprada pelo marido, no interior de sua casa, quando então foi forçada a uma relação sexual anal que lhe deixou seqüelas, necessitando posteriormente de uma intervenção cirúrgica local.

Quadro 7 - Respostas das mulheres detentas do sistema penitenciário referente à pergunta: Você tem algum pré conceito de alguma pessoa ou coisa?

Suj	Pré conceito de alguma pessoa ou coisa?
01	“não.”
02	“não.”
03	“não.”
04	“não.”
05	“tenho preconceito só contra bebida, contra home que bebe.”
06	“tenho. Eu não gosto das pessoas que fuma droga.”
07	“não gosto de bebida, nem homossexual.”
08	“não.”
09	“não.”
10	“não.”
11	“não.”

De todos os sujeitos entrevistados, apenas três mulheres disseram ter preconceitos relativos à pessoas que fumam drogas, de homossexuais ou de indivíduos que fazem uso de bebidas alcoólicas, com deferência especial a homens alcoólatras.

Quadro 8 - Respostas das mulheres detentas do sistema penitenciário referente à pergunta: Questão livre para falar o que quiser?

Suj	Questão livre
01	“...meu tio quando ele mostrou o pênis pra mim eu fiquei horrorizada. O primeiro amante da minha mãe, eu tinha 10 anos...ele passava a mão no meu bum bum, passava a mão na pequena, e...eu era inocente, não sabia de nada.... Mas, é uma coisa que marcou muito, então, eu tenho, tenho muito medo desse mundo, porque eu tenho uma filha... Eu não quero que minha filha sofra o que eu sofri...com esse tio, e depois, aconteceram mais...com uns três amantes da minha mãe...”
02	“na cadeia onde eu estive (cheguei transferida de outra cadeia), teve carcereiro que tentou, sabe...alguma coisa comigo. Eu tive caso com uma carcereira. Na época um carcereiro tentou abusar sexualmente de mim, mas não conseguiu porque sabia que eu sou entendida, (homossexual).” “... presas vieram de outras cadeias e contaram que tem um senhor (chefe da carceragem) que tem um pinto de boi seco e ele bate nas presas, nas presas que não querem passar pela rola (pênis) dele... inclusive ele arrumou um bonde (transferência) pra penitenciária pra presa que não quis transar com ele...” “E...numa cadeia que eu passei também, onde policiais transavam com as presas... eu achava que eu ia ter que sofrer, passar por essa situação constrangedora que era na grade, horrível... era por sem vergonhice tanto da parte deles como da parte delas.” “Eu acho que é constrangedor também, a maneira que eles (carcereiros) tratam a família da presa em geral. Eles são muito sem educação. Eles são estúpidos mesmo. Então eu acho que isso daí é uma violência.”
03	“com 29 anos mais ou menos... eu fui morar com um rapaz, então esse rapaz muito ciumento não deixava eu sair nem no portão. Eu vivia trancado dentro de casa. E muitas vezes com necessidades das coisas... ele me espancava, as vezes...era bem freqüente esses espancamentos, e... as vezes eu fugia... e...foi assim, até que aí um dia não aguentei mais. Foi a última surra que tenho marca até hoje pelo corpo inteiro. Meu ex marido, violento, o dia que eu fui embora bateu em mim e na minha filha de 14 anos... ele batia a cabeça dela na parede.”
04	“apanhei bastante de polícia... outro dia quase me quebraram...quando eu fui presa, né, bastante mesmo. Porque eles queria que eu desse uma droga que eu não tinha né. Por isso que eles me bateram. Foi a única vez que eu apanhei. Com pau. Cabo do revolver, coronhada na cabeça. Bateram bastante.”
05	nada declarou.
06	“eu já apanhei muito, né “Das polícia. Inocente. Porque quem tinha culpa mesmo, não apanhó. Fizeram muita tortura, ameaçaro, batero... Chute. Murro. Tapa na cara, palavrão... foi isso, antes de vim presa aqui. Eu me sinto muito triste de está neste lugar.”
07	“apanhei da polícia, do meu padrasto... me violentava muito. Três vezes. Eles foram (policiais) na casa da minha sogra e eu não queria dexá eles entrá sem mandato. Então eles falaram que ia levá eu presa. Comecei a discuti com eles e... deram soco nas minhas costa.”

"É. Só que desta vez que eu vim agora, eles deram chute em mim, na minha costa... senti muita dor. Fiquei muito revoltada."

08 *eu acho que as vezes eles (policiais) abusam muito da autoridade que tem... de batê, pra espancá, eles espancaram um menor, pra esse menor dizê que o baseado que tava fumando era meu."*

"... eles já espancaram sim, a minha irmã... ela revidô. Eles grudaram ela pelo cabelo. Quando eles me pegaram na estação...pegaram eu pelo cabelo... Eles abusam muito da autoridade deles e eles tem muito preconceito contra pessoa de cor. Quando eu fui pega na estação...eles me chamaram de macaca, eles são muito preconceituosos... racista, se é pobre é tratado de um jeito, se é negro é tratado de outro, dependendo da condição financeira é o tratamento que eles te dão. Dinheiro pra eles, vale muito hoje em dia."

09 *"... policia espanca, violenta... pra dá serviço, pra derrubá outros traficantes, entregá outros traficantes, mas eu não, nunca fui espancada. Sempre fui bem tratada pela policia."*
"Em S.P. a rota, né, matava muito, né. Foi até tirada. Agora, no interior é a militar. A militar que fica chutando, chega espancando, humilhando com palavras... eles se aproveitam, porque...eles andam em 4, 5, só andam em bandos, armados, eles se aproveitam disso, né...da profissão deles."

10 *"eles (policiais) abusam do poder, porque realmente eles tem..., a gente sempre está abaixo deles mesmo, abaixo da lei. Porque tá a aqui dentro significa que tá abaixo mesmo. Tem alguns exceções...carcereiros, policiais, tem outros que são solidários, entende...a gente vê pela fisionomia, pelo jeito das pessoas que se sensibilizam com a situação da gente."*

"A gente cresceu até uns 10 anos, 12 anos da minha vida, a gente assistiu muitas cenas de violência do meu pai e da minha mãe. "Batê, espancá... chegá bêbado em casa. Minha mãe sempre foi uma mulher correta. Meu pai não mereceu a mulher que teve. Batê, espancá... chegá bêbado em casa. Minha mãe sempre foi uma mulher correta. Meu pai não mereceu a mulher que teve."

11 *"meu marido bebia e ficava muito nervoso devido ao fato da doença dele, né. Ele chegou a me agredir umas três vezes. Ele era ciumento... me dava murros. "*

Conforme mostra-nos as falas acima, as mulheres detentas utilizaram-se da questão livre para apresentarem pormenores relativos a violência na sua vida fora e dentro da cadeia, suas experiências traumatizantes no período da infância pobre ou mesmo nas fases repletas de dificuldades materiais e afetivas, de conflitos familiares e emocionais no período da adolescência e fase adulta.

A desestrutura familiar aparece reforçando as difíceis relações interpessoais tanto no âmbito privado como no público, em todas as fases da vida dessas mulheres e dificultando o entendimento e a resolução de conflitos gerados pela violência sofrida e advinda da hostilidade desses meios, ora por pessoas mais próximas, ora por autoridades que abusam do poder. A violência aqui, não é descrita somente como física, a que deixa marcas no corpo da mulher viti-

mizada e economicamente dependente do homem. Alguns sujeitos fazendo referência a outros tipos de violência, citam-nas na humilhação que passaram e ainda passam, no constrangimento próprio e de seus familiares, nas atitudes de ameaça, nos diversos tipos de preconceito contra a mulher negra e pobre, especialmente aquela que vive na delinquência, duplamente discriminada e sem voz no sistema penal, familiar e na sociedade.

Então, sob o aspecto da violência invisível, ou seja, a que não deixa marcas no corpo, algumas afirmaram sofrer na cadeia a humilhação ao sentirem que estão a baixo das autoridades, abaixo de tudo e todos, externando sentimentos de culpa e inferioridade muito grandes, e atribuindo tais sentimentos não apenas a condição de presas, marginais, mas por serem mulheres lá fora e mulheres presas no interior da cadeia. Sobre esta violência não física, uma socióloga integrante do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher na Bahia, escreveu:

"... a violência não se manifesta exclusivamente através da agressão física (espancamento, estupro, homicídio, etc), mas pode ocorrer também sob a forma de agressão verbal (ameaças, xingamentos, humilhação, etc), pressão ou tortura psicológica, assédio sexual, entre outros." (Macêdo, 1998, p.55)⁽⁷⁾.

Leonelli, 1998⁽⁴⁾, afirma que ao falarmos em justiça como valor, estamos relacionando o sentido de justiça com o sentido de igualdade, à justiça social e às possibilidades de acesso às oportunidades. Nesta perspectiva, a mesma autora coloca que a igualdade é a de reconhecimento e de respeito à dignidade da condição humana de todos, implicando na exigência da valorização das diferenças étnicas, culturais, religiosas, de gênero, etc.

5. CONCLUSÃO

Portanto, depreendemos que a violência tem sido identificada como um dos maiores problemas que a população vem sofrendo nos momentos de pós-modernidade. O contingente feminino, tem se tornado vulnerável a agressões caracterizadas de várias formas, independente da faixa etária. Por vez, a mulher detenta em cárcere, tem sofrido, além da violência fora da cadeia, outras tantas, como maus tratos, estupro, assédio e abuso sexual, também no sistema penitenciário. Sendo assim, a violência sexual, vem representando verdadeira vulnerabilidade para a infecção das DST/Aids. Com isso, a mulher mais uma vez, se vê, severamente, ameaçada nesta guerra. Portanto, sensibilizadas com estas questões e fundamentadas em referenciais teóricos

com relação ao respeito humano, a violência e as DST-Aids, propusemos trabalhar o seguinte pressuposto.

As falas aqui apresentadas são carregadas de trauma, inconformismo, rancor e revolta devido as humilhações e agressões sofridas fora e dentro da cadeia, tanto advindas da infância e adolescência quanto em sua fase adulta; que revelam haver desrespeito e agressividade, mesmo pelas pessoas que as detêm e que suas vidas são carregadas de vulnerabilidade aos riscos à infecção das DST e HIV/Aids. As intervenções favoreceram a orientação possibilitando análise e reflexão para lidarem com este problema, em seu cotidiano existencial, sobretudo na prevenção das DST/Aids.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) GIFFIN, K. Violência de gênero, sexualidade e saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v.10, n.1, p.146-155, 1994.
- (2) CHAUI, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In: CARDOSO, R.; CHAUI, M. et al. **Perspectivas antropológicas da mulher**: 4, Rio de Janeiro, ZAHAR, 1985, p.23-62.
- (3) ALBANO, C; MONTERO, P. Anatomia da violência. In: LUZ, M.T. et al. **O lugar da mulher** (estudos sobre a condição feminina na sociedade atual). Rio de Janeiro, GRAAL, 1982, v.1, p.107-126.
- (4) LEONELLI, V. Os direitos humanos: conceitos básicos, evolução histórica e instrumentos. In: PROJETO AXÉ. **Direitos humanos**: coletânea de textos. Salvador, s.n., 1998. p.59-68.
- (5) CARDOSO, R. Prefácio In: CARDOSO, R.; CHAUI, M. et al. **Perspectivas Antropológicas da mulher** 4. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1985, p.15-21.
- (6) GIFFIN, K. A mulher, a cidade e os programas sociais. In HEILBORN, M.L. et al. **Mulher e políticas de saúde**. Rio de Janeiro, IBAM/UNICEF, 1991, p.169-186.
- (7) MACÊDO, M. S. Relações de gênero: articulando igualdade e diferença. In: PROJETO AXÉ. **Direitos humanos**: coletânea de textos. Salvador, s.n., 1998.p.51-8.

Endereço para correspondência:

Anecy Tojeiro Giordani

Av. do Café, 1.695 Bl. C Apt° 101

Jd. Monte Alegre

CEP 14.050-230

Ribeirão Preto - SP

Sônia Maria Villela Bueno

Escola de Enfermagem Ribeirão Preto/USP

Av. Bandeirantes, 3.900

CEP 14.040-920

Ribeirão Preto - SP



JORNAL BRASILEIRO DE
DOENÇAS SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS

ASSINATURAS

Anual: individual R\$ 60,00 / Institucional R\$ 80,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel: XX() _____ E-mail: _____ Fax: _____

Enviar cheque nominal (cruzado) à **Sociedade Brasileira de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, juntamente com essa ficha para:

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DST

Av. Roberto Silveira, 123, Icaraí

Niterói - RJ - CEP: 24 340-160